

# A IMPORTÂNCIA DA MOTIVAÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

MARA ANDREA KAI BELLINI  
GREICE LOPES CEZAR





MARA ANDRÉA KAI BELLINI  
GREICE LOPES CEZAR

# A IMPORTÂNCIA DA MOTIVAÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Editora Ilustração  
Santo Ângelo – Brasil  
2026



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0>

**Editor-gerente:** Fábio César Junges

**Capa:** Freepik

**Revisão:** As autoras

#### CATALOGAÇÃO NA FONTE

---

B444i Bellini, Mara Andréa Kai

A importância da motivação no ensino de Língua Inglesa  
[recurso eletrônico] / Mara Andréa Kai Bellini, Greice Lopes  
Cezar. - Santo Ângelo : Ilustração, 2026.

51 p.

ISBN 978-65-6135-216-1

DOI 10.46550/978-65-6135-216-1

1. Língua inglesa - Estudo e ensino. I. Cezar, Greice Lopes II.  
Título

CDU: 811.111(07)

---

Responsável pela catalogação: Fernanda Ribeiro Paz - CRB 10/ 1720



Crossref



E-mail: [eilustracao@gmail.com](mailto:eilustracao@gmail.com)

[www.editorailustracao.com.br](http://www.editorailustracao.com.br)

## Conselho Editorial



Dra. Adriana Maria Andreis	UFFS, Chapecó, SC, Brasil
Dra. Adriana Mattar Maamari	UFSCAR, São Carlos, SP, Brasil
Dra. Berenice Beatriz Rossner Whatuba	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr. Clemente Herrero Fabregat	UAM, Madri, Espanha
Dr. Daniel Vindas Sánchez	UNA, San Jose, Costa Rica
Dra. Denise Tatiane Girardon dos Santos	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Domingos Benedetti Rodrigues	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Edeimar Rotta	UFFS, Cerro Largo, RS, Brasil
Dr. Edivaldo José Bortoleto	UNOCHAPECÓ, Chapecó, SC, Brasil
Dra. Elizabeth Fontoura Dorneles	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Evaldo Becker	UFS, São Cristóvão, SE, Brasil
Dr. Glaucio Bezerra Brandão	UFRN, Natal, RN, Brasil
Dr. Gonzalo Salerno	UNCA, Catamarca, Argentina
Dr. Héctor V. Castanheda Midence	USAC, Guatemala
Dr. José Pedro Boufleuer	UNIJUÍ, Ijuí, RS, Brasil
Dra. Keiciane C. Drehmer-Marques	UFSC, Florianópolis, RS, Brasil
Dr. Luiz Augusto Passos	UFMT, Cuiabá, MT, Brasil
Dra. Maria Cristina Leandro Ferreira	UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil
Dra. Neusa Maria John Scheid	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dra. Odete Maria de Oliveira	UNOCHAPECÓ, Chapecó, SC, Brasil
Dra. Rosângela Angelin	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr. Roque Ismael da Costa Güllich	UFFS, Cerro Largo, RS, Brasil
Dra. Salete Oro Boff	ATITUS, Passo Fundo, RS, Brasil
Dr. Tiago Anderson Brutti	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Vantoir Roberto Brancher	IFFAR, Santa Maria, RS, Brasil

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas *ad hoc*.



# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	11
CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	13
1 A MOTIVAÇÃO E A APRENDIZAGEM .....	15
2 O PAPEL DO PROFESSOR COMO AGENTE MOTIVADOR....	23
2.1 O desafio do professor frente à tecnologia.....	27
2.2 O desafio do professor frente a outros obstáculos.....	30
3 ATIVIDADES LÚDICAS: UMA FORMA DE DESPERTAR A MOTIVAÇÃO.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS .....	47
SOBRE AS AUTORAS .....	51





## APRESENTAÇÃO

Este e-book, *A Importância da Motivação no Ensino de Língua Inglesa*, é um registro da Monografia apresentada na conclusão do curso de Letras – Português/Inglês, ofertado pela Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ), no período de 2001 a 2005. O trabalho foi desenvolvido por Mara Andrea Kai Bellini (Autora), com colaboração de Greice Lopes Cezar (Coautora) na revisão e organização do material para esta versão digital.

A obra nasce do interesse em compreender mais profundamente os desafios e as possibilidades do ensino-aprendizagem de Inglês no contexto escolar. Em um mundo globalizado, em que a comunicação ultrapassa fronteiras e o acesso à informação é contínuo, aprender inglês tornou-se essencial para a participação ativa na sociedade contemporânea.

Apesar disso, muitos estudantes demonstram dificuldades, desmotivação e resistência diante da disciplina. Esses desafios reforçam a necessidade de repensar práticas pedagógicas, metodologias e estratégias que promovam a motivação — elemento fundamental para uma aprendizagem significativa, prazerosa e contínua.

O e-book discute a relação entre motivação e aprendizagem, evidencia o papel indispensável do professor como agente motivador e apresenta o potencial das atividades lúdicas como ferramentas que despertam o interesse e fortalecem a autonomia dos alunos. O texto dialoga com importantes referenciais teóricos, como Gagné, Michelon, Oliveira, Boruchovitch, Bzuneck, Demo e Freire, ampliando a compreensão sobre como motivação e ensino se articulam.

Mais do que um estudo teórico, esta obra é um convite para refletir sobre a prática docente e para buscar alternativas pedagógicas criativas, inclusivas e humanas. Que esta leitura inspire professores, estudantes e pesquisadores a fortalecerem seu compromisso com uma educação que motive, valorize as subjetividades e contribua para o desenvolvimento integral de cada aprendiz.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Aprender e ensinar a Língua Inglesa é um processo complexo. Deve-se fundamentalmente deixar claro a importância dessa língua, promovendo situações em que o aluno se familiarize com ela, consiga contextualizar o seu uso dentro e fora da escola, percebendo que ela faz parte do cotidiano. A Língua Inglesa possibilita ao aluno não só a sistematização de um novo código linguístico, mas também a chance de se transportar para outros lugares, outras situações e outras pessoas, já que vivemos na era da informação. Nesse sentido, o professor de Língua Inglesa deve estar motivado para encontrar a metodologia adequada para que as necessidades dos alunos sejam supridas.

A motivação do aluno é vista como um problema na educação e afeta diretamente o ensino, portanto, motivar os alunos é um dos principais desafios do professor de Língua Estrangeira. Para tanto, propõe-se a pesquisa bibliográfica intitulada: A importância da motivação no ensino de língua inglesa, a qual visa investigar os diferentes recursos e estratégias que são utilizadas pelo professor, a fim de motivar seus alunos.

Nesta pesquisa que aqui se propõe, o aporte teórico será fundamentado nas pesquisas de Gagné(1983), Michelon(2002), Oliveira(1978), Boruchovitch e Bzuneck,(2001) Freire(1996), Lévy(1999)

A motivação não pode ser ensinada, nem treinada, como uma habilidade ou conhecimento. Nesta perspectiva há estratégias de ensino, cujo objetivo é despertar, promover a motivação do aluno. Porém deve-se ter cuidado com as estratégias que, embora tenham sido escolhidas para ajudar, acabam prejudicando.

Assim, a motivação não apenas influencia os resultados de aprendizagem, mas ela própria é resultado de certos processos de interação social. De acordo com Michelon (2002, p.226): “A motivação tem se mostrado um aspecto relevante no êxito da aprendizagem.”

Na perspectiva da autora, o educador deve saber quais são os motivos que despertam interesse pela aprendizagem da Língua Inglesa e proporcionar ao aluno práticas que envolvam estes interesses motivacionais, de acordo com a sua realidade, a realidade da escola, a dinamização metodológica que envolve múltiplas alternativas de ensino-aprendizado, constituindo dessa forma ferramentas essenciais para que ocorra o aprendizado

Para uma melhor sistematização desta pesquisa, serão desenvolvidos três capítulos: no primeiro, aborda-se o embasamento teórico da motivação e aprendizagem e suas implicações no processo ensino-aprendizagem.

O segundo capítulo tem como título: O professor de Línguas como agente motivador, refere-se à postura que um professor de Línguas deve ter para conseguir gerar motivação nos alunos.

No terceiro e último capítulo tratar-se-á sobre: Atividades lúdicas como forma de despertar a motivação no aluno, no qual mostrar-se-á a importância que as atividades lúdicas possuem quando usadas de forma adequada pelo professor, tendo em vista um benefício educativo.

# 1 A MOTIVAÇÃO E A APRENDIZAGEM

Entende-se motivação, como o despertar do interesse, da curiosidade, da vontade de aprender algo, através de estímulos e incentivos. De acordo com Oliveira (1978, p. 29),

Motivação da aprendizagem é vitalização do esforço através de estímulos e incentivos adaptados à idade e às experiências dos educandos; é o estabelecimento de conexão entre o educando, sua carga efetiva intelectual e social, é a atividade que vai sendo realizada, compreendida e vivida.

Verifica-se que não há aprendizagem sem motivação, seja ela consciente ou inconsciente, intrínseca ou extrínseca. Assim, a função da escola deve ser de educar através de experiências, desenvolver a capacidade crítica e criadora do aluno, formar hábitos e habilidades. Ela deve buscar medidas práticas que motivem a aprendizagem.

A motivação deve permear todo o trabalho escolar, ela consiste em predispor o aluno para a realização de suas tarefas, pois se o professor não motivar os alunos, eles poderão ficar desinteressados, correndo-se o risco de serem alcançados objetivos opostos aos desejados.

Nesse sentido, faz-se necessário que o professor desperte no aluno maior interesse e gosto pelo estudo, oportunizando situações significativas em suas aulas. Tanto psicólogos quanto professores estão conscientes da importância que a motivação tem como agente facilitador da aprendizagem. Entretanto, várias técnicas são usadas para induzir a motivação nos alunos, como notas, exames, medalhas e recompensas. Compartilhando deste pensamento, Guimarães apud Boruchovitch & Bzuneck, 2001, p.38) aponta que:

Uma questão importante diz respeito à relação da motivação intrínseca e a aprendizagem. É evidente que os alunos aprendem

por gostarem ou estarem interessados por determinado assunto, mas também podem aprender por almejam altas notas, aprovação escolar ou agradar pais e professores.

Portanto, é relevante ressaltar que não há técnicas específicas que possam gerar motivação em determinado aluno ou nos alunos de uma determinada turma.

O professor deverá ter sensibilidade suficiente para compreender a complexidade do tema, assim como ser consciente dos princípios motivacionais que podem dirigir a prática educacional. No entanto, sabe-se que não existem mágicas que podem ser feitas para remediar indiferenças e desprazeres dos alunos, inseridos em situações impróprias.

Nesta ótica não há uma forma conhecida ou conjunto infalível de procedimentos para tratar a motivação dos alunos. Também a motivação não é algo que se aplica de forma segmentada da aprendizagem, mas ela constitui uma parte intrínseca da aprendizagem. Então, pode-se dizer que os motivos humanos para aprender qualquer coisa são interiores.

Tanto para as crianças quanto para os adultos aprender algo precisa-se ter presentes os motivos que desencadeiam a aprendizagem. Sendo assim, o próprio crescimento ou maturação constitui motivos que levam o ser humano ao movimento e ação.

A aprendizagem escolar depende basicamente dos motivos intrínsecos, ou seja: um aluno aprende melhor e mais depressa quando se sente querido e seguro. O aluno assimila melhor a informação quando suas necessidades básicas são atendidas de forma satisfatória, isto é, se ele não tem fome, não tem sono, não está cansado ou doente. Então, pode-se dizer que os motivos da criança para aprender são os mesmos motivos que ela tem para viver.

Os motivos na vida dos aprendizes vão mudando e cabe ao professor a tarefa de “desvelar” a motivação de seus alunos para que aconteça eficazmente a aprendizagem. Para cada idade, há motivos novos e a motivação é diferente.

Quando os alunos estão na fase da adolescência, período de muitas indagações e conflitos, o jovem tem uma necessidade de autoafirmação, de ser constantemente valorizado, de obter respostas, de possuir respeito e confiança dos outros, de amar e ser amado. Nesta perspectiva, o professor deve conhecer a caracterização psicológica de cada uma das fases do desenvolvimento do aluno para que se torne mais acessível compreender as diferentes situações, bem como as dificuldades que vão surgindo ao longo do processo de ensino-aprendizagem.

Assim, o aluno só terá motivação para a aprendizagem se a escola lhe proporcionar a chance de auto- conhecer-se melhor, lhe mostrando novos caminhos e um futuro mais promissor, onde ele tenha condições de se tornar independente e evoluir sozinho. Ao professor não compete saber tudo ou fazer tudo, pois há muito tempo, ele deixou de ser o centro do ensino.

O centro agora é o aluno e suas motivações. Sendo assim, estes são considerados os verdadeiros pilares do ensino. A motivação também não se constitui de uma série de truques que o professor usa para produzir a aprendizagem, mas é um processo que pertence ao aluno. Assim, a motivação no trabalho escolar depende mais do que de recompensas, ameaças ou castigos, da pré-disposição que o aluno tem de aprender, do conceito que tem sobre si mesmo, do professor e do método, da autoconfiança, do respeito existente no ambiente escolar. Portanto, a motivação é uma condição necessária, mas não suficiente para a aprendizagem.

Considerando à relação existente entre a motivação intrínseca e a aprendizagem, entende-se que os alunos aprendem algo porque gostam ou porque faz parte de seus interesses, mas por outro lado, os alunos também podem aprender porque objetivam altas notas, serem aprovados ou ainda satisfazer os pais e professores. Compartilhando dessa ideia, os autores: Guimarães Apud Boruchovitch & Bzuneck, 2001 p.37-38). afirmam que:

A motivação intrínseca é compreendida como sendo uma propensão inata e natural dos seres humanos para envolver o interesse individual e exercitar suas capacidades, buscando e alcançando desafios ótimos. Além disso, é um importante propulsor da aprendizagem, adaptação e crescimento nas competências que caracterizam o desenvolvimento humano.

Verifica-se, portanto, que, quando o indivíduo se envolve em uma atividade por razões intrínsecas, essa experiência tende a gerar maior satisfação, facilitando a aprendizagem e o desempenho. Nesse sentido, o aluno motivado escolhe atividades que lhe oferecem oportunidades de aperfeiçoar suas habilidades, concentra a atenção nas informações, empenha-se em organizar os novos conteúdos em relação aos conhecimentos que já possuía e procura aplicá-los em diferentes contextos e realidades.

Um indivíduo que está intrinsecamente motivado busca novidades, entretenimento, satisfação da curiosidade, oportunidade para executar os novos conhecimentos e obter domínio sobre eles. Segundo Gagné (1983), processo de aprender deve ser dirigido, mas existe um aspecto para o qual há necessidade de se criarem certas condições prévias e adicionais de aprendizagem as quais garantirão a motivação do aluno. Assim, à medida que a aprendizagem vai ocorrendo, é necessário criar condições que a influenciem.

Todos os autores são unânimes em afirmar que a motivação é de grande importância para a aprendizagem, porém os educadores



frequentemente deparam com indagações, ao realizarem as suas tarefas. Como e o que fazer para tornar o aluno motivado? Ou ainda, como pode se manter o aluno interessado em prosseguir na aprendizagem e em procurar outras aprendizagens?

Evidentemente tais questionamentos implicam na necessidade de se estabelecer e de manter no aluno um determinado estado interno, o qual funciona como uma condição prévia adequada à ocorrência da aprendizagem.

Verifica-se que os dois tipos de estados internos- as habilidades previamente aprendidas e a motivação- podem ser estabelecidos convenientemente, os outros componentes do processo de ensino são externos ao indivíduo que aprende. O principal deles diz respeito às condições de aprendizagem específicas, mostradas em forma de procedimentos práticos. Tais procedimentos são compostos por técnicas que garantem as condições necessárias para que a aprendizagem ocorra.

Segundo Gagné (1983), a última categoria de fatores externos refere-se à organização de condições que certifiquem de que o que foi aprendido poderá ser aplicado ou transferido a situações novas, fora do ambiente da aprendizagem. Reafirmando o que foi dito Gagné, (1983, p. 188):

Considerando, pois, que uma estrutura de aprendizagem conveniente foi planejada, a pessoa que orienta o processo educacional deve procurar motivar o aprendiz, a fim de que ele execute os procedimentos específicos do ensino, que garantirão a ocorrência da aprendizagem, e para que se institua processos que posteriormente venham a possibilitar a transferência do que foi aprendido.

Durante muito tempo confundiu-se “ensinar” com “transmitir” e, nesse contexto, o aluno era um agente passivo da aprendizagem. Competia-lhe somente escutar, copiar, e depois reproduzir na prova

o que decorou, obtendo um resultado satisfatório. Não interessava se a aprendizagem ocorria de forma significativa, ou não, o importante era a nota. O professor era um mero transmissor de conteúdo, não necessariamente atento às necessidades dos alunos.

Acreditava-se que a aprendizagem ocorria pela repetição e que os alunos que não aprendiam eram responsáveis pelo seu próprio fracasso. Felizmente essa realidade não faz mais parte da maioria de nossas escolas. Com relação ao assunto, cabe fazer menção ao pensamento de Demo (2004, p.14): “Aprendizagem é, pois, “dinâmica reconstrutiva” de dentro para fora. Quer dizer que o aluno somente aprende se reconstruir conhecimento. Não pode permanecer em escutar, copiar e devolver de modo reprodutivo na prova.”

A partir desta ótica e da concepção de educadores comprometidos com a educação, o interesse do aluno, bem como a realidade a qual ele está inserido é considerado a força norteadora do processo da aprendizagem; suas experiências e descobertas, na qual a aprendizagem para ter importância deve estar “carregada” de significados além disso deve estabelecer uma relação entre suas vivências com o conteúdo a ser ensinado, para que o aluno assimile melhor e construa o seu próprio conhecimento. Reforçando essa ideia, Freire (1996, p.33) salienta:

Por que não aproveitar a experiência que tem os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes.

Segundo Paulo Freire é necessário que o professor e a escola se preocupem em valorizar e respeitar os saberes que os alunos têm socialmente construídos na prática comunitária, mas também é importante discutir com os alunos a relação do significado desses saberes com os conteúdos a serem aprendidos. Complementando

a ideia, Freire (1996, p.33-34) sugere: “Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida?”

A motivação, entendida como o impulso interno que desperta o interesse e sustenta o desejo de aprender, revela-se como elemento essencial e inseparável da aprendizagem, pois sem ela não há envolvimento significativo, construção de sentido ou apropriação real do conhecimento. Ao longo do capítulo, evidencia-se que a motivação não é fruto de técnicas prontas, nem se limita a recompensas externas, mas nasce da relação entre o aluno, suas necessidades, suas experiências e o modo como a escola e o professor organizam situações de aprendizagem que dialogam com sua realidade e despertem sua curiosidade.

Assim, compreender a complexidade dos motivos que levam crianças, adolescentes e adultos a aprender implica reconhecer que cada fase do desenvolvimento traz demandas específicas e que cabe ao professor “desvelar” essas motivações, criando ambientes seguros, afetivos e intelectualmente estimulantes.

A aprendizagem torna-se mais significativa quando conectada às vivências dos estudantes, às suas emoções, aos seus interesses e aos desafios que lhes permitem reconstruir conhecimentos, como defendem autores como Freire, Gagné e Demo. Desse modo, os autores evidenciam que motivar é um processo contínuo, relacional e humano, no qual o professor, atento às condições internas dos alunos e às possibilidades externas do contexto escolar, atua como mediador da curiosidade, da autonomia e do prazer de aprender. A partir dessa compreensão, torna-se possível avançar para a reflexão seguinte, que discute: O papel do professor como agente motivador,

aprofundando a centralidade desse profissional na promoção de aprendizagens significativas.

## 2 O PAPEL DO PROFESSOR COMO AGENTE MOTIVADOR

**D**iscutir e pensar sobre a pessoa do professor é promover um debate bastante polêmico, pois para falar sobre o professor, bem como sua postura profissional é necessário fazer a análise de uma profissão, cuja categoria aparentemente encontra-se em decadência.

Falar sobre o professor é enfocar um aspecto crucial e relevante da educação, pois sem o professor não há escola, fato que compromete a educação. Portanto, a valorização e o investimento nesse profissional são razões fundamentais para que se alcance a melhoria na educação e, conseqüentemente, o sucesso dos alunos.

Sabe-se que o professor desenvolve um papel de extrema relevância na vida de seus alunos, por isso, deve desempenhá-lo da melhor forma possível, com responsabilidade e intensa dedicação. Dessa forma, na perspectiva de Nóvoa: “O professor é a pessoa; e uma parte importante da pessoa é o professor” (Nóvoa, 1995, p.15)

Já o educador Scholes (2005) afirma que o educador precisa gostar profundamente do que faz e, acima de tudo, ter amor e respeito pelo ser humano. Partindo dessa concepção, o professor transmite aos seus alunos toda a sua motivação, a qual deve contagiá-los com seu empenho e dedicação, influenciando-os com suas ideias e despertando o interesse pela sua disciplina e pela busca de conhecimentos.

Alguns professores já têm consciência que devem ser abandonadas as velhas técnicas educacionais para o ensino de inglês, as quais são vinculadas somente à estrutura gramatical e frases decoradas que, muitas vezes, os alunos nem sabem o significado e inovar com técnicas diferentes, que motivem os alunos a compreenderem realmente o sentido de aprender inglês na escola.

Nesse prisma, o professor de Língua Inglesa deve atuar como um agente motivador e transformador da realidade, pois segundo Holden & Rogers (2001) é necessário conscientizar os alunos que uma das vantagens de aprender a Língua Inglesa é o uso do inglês na vida real, é a situação da mesma como língua internacional, e por essa razão é utilizada em vários campos, inclusive já ganhou espaço no cotidiano das pessoas. Na opinião dos autores, o professor deve fundamentalmente:

Motivar seus alunos a ganharem maior conscientização quanto ao uso de inglês na vida real: em anúncios, em músicas, no computador...; eles vão perceber que o inglês é muito mais do que uma disciplina escolar - é um tópico cujas contribuições podem vir de sua própria área de interesse. Dessa forma, a motivação e a autoconfiança do aluno podem aumentar ainda mais. (Holden & Roger, 2001, p. 13)

De acordo com Schütz (2005), “são três os aspectos que definem a qualificação de um instrutor, os quais se complementam e devem ocorrer simultaneamente”, a saber: a) competência na língua e na cultura o professor deve falar corretamente o idioma, com fluência e naturalidade, e que possua conhecimento a respeito da o autor entende que o cultura estrangeira: b) características da personalidade professor deve adotar uma maneira descontraída, com alegria, ter senso de humor, motivação e ter facilidade para relacionar-se.

Também deve ter sensibilidade para que seja capaz de administrar situações adversas, as quais envolvem diferentes atitudes e graus de conhecimento entre os alunos; além da competência linguísticas cultural citada anteriormente; e c) qualificação acadêmica aliada às habilidades já citadas, o autor considera imprescindível ao professor de línguas, uma formação consistente voltada ao ensino de línguas desde a infância, além de conhecimentos de psicologia educacional e diferentes métodos para o ensino de línguas.

Acerca desse assunto, o autor entende que tais habilidades, algumas vezes, podem ser desenvolvidas e outras podem fazer parte da natureza da pessoa, portanto acredita-se que o bom professor de Língua Inglesa deve ser aquele que motiva seus alunos a desenvolverem a sua autoestima e autoconfiança, exercendo um papel de facilitador, promovendo uma relação de afetividade e igualdade na sala de aula. No entender de Schütz 2005, o bom instrutor é aquele que prioriza o sujeito que aprende, valorizando seus pensamentos, interesses, valores e modos de compreender o mundo, mais do que se limitar exclusivamente a materiais e recursos didáticos.

Nessa perspectiva, seu papel consiste em acolher o que o aprendiz deseja expressar e ajudá-lo a organizar essas ideias em uma linguagem cada vez mais precisa, adequada e clara. Assim, o foco do professor recai principalmente sobre o sentido e a intenção da mensagem produzida pelo estudante, sem reduzir o processo de aprendizagem a correções constantes de desvios linguísticos. Além disso, esse educador apresenta a língua em sua dimensão funcional e comunicativa, como instrumento de expressão e construção de significados, colocando-a a serviço do aprendiz, e não exigindo que este se submeta rigidamente às regras e irregularidades do idioma.

O professor é constantemente desafiado a buscar novas alternativas de ensino, a motivar os seus alunos, a despertar neles o interesse pelas aulas, a respeitar as individualidades, considerando a história de vida de cada um. Preocupando-se em utilizar diferentes recursos para trabalhar, o professor não percebe que se utilizasse aspectos que fazem parte do cotidiano da vida dos alunos, bem como seus interesses, seus valores, suas verdades estaria contribuindo e tornando mais interessante e significativa a aprendizagem e dessa forma fazendo com que o aluno utilizasse esse conhecimento para a sua vida.

Percebe-se então, que o interesse do professor deve estar voltado à formação do seu aluno, analisando-o como um ser humano integral, com suas habilidades e defeitos. Portanto, ensinar a gramática estrutural, totalmente desvinculada de sentido, observar desvios de linguagem, não deve ser a principal preocupação do professor.

Neste intuito, para despertar no aluno a motivação, os diferentes recursos fazem-se necessários, porém, em algumas escolas, os recursos são limitados, sendo assim, o professor encontra dificuldades para executar algumas ações porque a estrutura escolar apresenta deficiências com relação aos recursos, então o professor vê-se novamente desafiado a buscar novas alternativas de ensino, que lhe permitam trabalhar dentro desse contexto.

Essas dificuldades são comentadas pelo dizer de Almeida Filho (2002, p.27), pelo fato de que “especificamente na escola pública brasileira, os alunos poderão estar indiferentes ao desafio de aprender uma outra língua ou ter expectativas de aprendizagem tão distorcidas e baixas que o processo se inviabiliza”. Porém, segue dizendo que “em nenhum caso [...] se justifica a suspensão do direito do aluno de vivenciar a experiência educativa de aprender outra língua com seus intrínsecos liames sócio-político-psico-culturais”.

Mais uma vez reforça-se a importância do professor no sentido de estimular seus alunos, remetendo-os a percepção de que aprender uma nova língua significa uma possível alternativa para transformar a realidade.

Para Holden & Rogers (2001, p. 11), “o papel-chave do professor é certificar-se de que as metas de aprendizado e os métodos de ensino estejam adequados ao contexto [...]”. Em se tratando do uso de recursos pedagógicos, essa afirmação torna-se especialmente pertinente, pois os autores destacam a necessidade de uma postura crítica e estratégica diante das condições concretas da escola. Nesse



sentido, afirmam que:[...] “ser realista sobre o que é possível não significa que não devamos buscar o melhor para nossos alunos, ou que não sejamos ambiciosos em termos de qualidade e obtenção de resultados, mas sim que analisemos os recursos e decidamos pela forma mais otimizada de utilizá-los”. Holden & Rogers (2001, p. 11).

Assim, a adequação entre objetivos, métodos e recursos implica reconhecer limites institucionais sem transformar tais limites em justificativa para a redução da qualidade pedagógica.

Ao contrário, a análise cuidadosa do que se tem disponível pode favorecer escolhas mais inteligentes e eficazes, alinhadas às demandas do contexto e às possibilidades reais de aprendizagem. Além desses aspectos, os autores enfatizam que o recurso-chave é o próprio educador, enquanto “atua como uma meta de resultado para os seus alunos”.

Dessa forma, compreende-se que a presença do professor como referência intelectual, ética e pedagógica pode exercer influência significativa no engajamento discente, uma vez que os estudantes tendem a reconhecer no docente um modelo de postura, compromisso e competência. Nessa perspectiva, a atuação do educador orienta o processo formativo, bem como poderá despertar uma motivação especial nos alunos, fortalecendo a qualidade da aprendizagem e a construção de atitudes positivas para o conhecimento.

## **2.1 O desafio do professor frente à tecnologia**

O professor deve estar sempre bem-informado, atento as mais diversas informações e, dessa forma, estar atualizado para que consiga trazer aos educandos novas ideias, estimulando-os a buscarem o seu

próprio conhecimento, despertando habilidades e criando condições para que possam se inserir no contexto social.

Atualmente, o mundo passa por constantes transformações e progressos tecnológicos, o qual poderá originar um distanciamento entre as pessoas. A informática adquiriu um grande espaço, então teme-se que ela poderá substituir o homem nas suas mais variadas funções, pois é possível conversar com alguém que está no outro lado do mundo, ou ainda, com a internet pesquisar e investigar de maneira autônoma.

Dessa forma, percebe-se que essa maneira impessoal de adquirir informações está causando um afastamento entre as pessoas, a convivência entre professores e alunos, pais e filhos. Sobre esse assunto, Cury (2003, p.139). entende que: “Os computadores podem informar os alunos, mas apenas nos professores são capazes de formá-los. Somente eles podem estimular a criatividade, a superação de conflitos, o encanto pela existência, a educação para a paz, para o consumo, para o exercício dos direitos humanos.

É notório que o computador tem desempenhado funções relevantes para o desenvolvimento da humanidade, da ciência, da tecnologia, entre outros, mas jamais o computador chegará a assumir o papel do professor, porque as máquinas não são capazes de substituir as competências que envolvem relacionamento, interação, comprometimento, amor, dedicação, diálogo, pois estas habilidades são impossíveis de serem realizadas por uma máquina. Assim, torna-se fundamental resgatar a importância do papel do professor.

Neste viés, segundo Lévy (1999, p.171), “a principal função do professor [...] deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento”. Sendo assim, cabe ao professor ser um constante incentivador da inteligência para os alunos da sua classe.

Nesse prisma, faz-se necessário repensar o papel do professor, resgatando a sua sensibilidade para que seja capaz de ensinar, contemplando os anseios de seus alunos. Ser um professor que compreenda seus alunos, considerando a realidade estressante, causada por uma sociedade extremamente competitiva, violenta, capaz de gerar nos jovens uma constante inquietação.

O professor, no entanto, deve ser aquele que fala ao coração dos alunos, deixando transparecer o quanto tem paixão por aquilo que faz. Assim, motivando não só para o aprendizado de sua disciplina, mas promovendo o desenvolvimento da sensibilidade, da motivação pelo aprender, bem como o prazer pela busca do conhecimento e da construção de uma sociedade mais humanizada.

O professor deve ser respeitado como uma autoridade na sala de aula, mas que ao mesmo tempo seja capaz de dar afeto aos alunos, e desafiá-los para que construam seu próprio conhecimento, objetivando uma aprendizagem sólida e concreta.

Nesse horizonte, cabe citar o pensamento de (Piaget,1970. p.53). “ O principal objetivo da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que as outras gerações fizeram.” Partindo dessa ideia de Piaget, podemos compreender que o principal objetivo da educação é formar sujeitos autônomos, críticos e criativos, capazes de produzir novos modos de pensar e agir, e não apenas repetir o que já foi feito por outras gerações. Nesse processo, o professor tem um papel decisivo: é ele quem cria ambientes de aprendizagem desafiadores, propõe problemas significativos, incentiva a curiosidade e sustenta o aluno no caminho da investigação, ajudando-o a construir o seu próprio conhecimento.

Mais do que transmitir respostas prontas, o docente favorece a elaboração de hipóteses, a reflexão sobre os erros e a capacidade de

tomar decisões. Assim, ao atuar como mediador e impulsionador do pensamento, o professor contribui para que o estudante desenvolva iniciativa, senso crítico e responsabilidade sobre o próprio aprender. Desse modo, a educação torna-se verdadeiramente transformadora, pois promove a formação de alunos capazes de compreender a realidade e reinventá-la com criatividade, consciência e participação ativa.

Neste viés, o professor deve ter comprometimento com o ensino e com seus educandos, deve esforçar-se para conhecer e compreender as individualidades de cada aluno, bem como aceitar estas diferenças como mais um desafio a ser vencido, preocupando-se em auxiliar na formação da personalidade e do crescimento integral dos alunos.

## **2.2 O desafio do professor frente a outros obstáculos**

Faz parte das atribuições do professor manter-se preocupado com a motivação de seus alunos, já que para muitos a motivação é considerada uma das responsáveis pela qualidade da aprendizagem escolar. Segundo Bzuneck (2001), se o aluno lê pouco, estuda pouco, consequentemente aprenderá pouco, ou seja, o aluno terá mais dificuldade em assimilar os conteúdos, do que aquele aluno que faz leituras com frequência, que estuda e se interessa. Sendo assim, acredita-se que a qualidade e a quantidade do envolvimento do aluno no processo ensino- aprendizagem depende da motivação que o mesmo possui em aprender.

É importante ressaltar que o professor deve estar atento e rever certas crenças pessoais sobre a motivação, pois há professores que em sua ideologia pensam que podem fazer muito pouco pela motivação, uma vez que acreditam que já fazem bem a sua parte,

então acomodam-se e se conformam dizendo que as coisas são mesmo assim e não tem nada a ser feito.

É claro que existem obstáculos que comprometem a eficácia do ensino nas escolas — desde limitações ambientais e financeiras até desigualdades sociais historicamente produzidas. Tais condições incidem diretamente sobre a infraestrutura, sobre o acesso a materiais didáticos, sobre a formação continuada e até sobre o bem-estar da comunidade escolar. No entanto, reconhecer esses entraves não significa aceitar a realidade. Ao contrário, realizar uma reflexão crítica das dificuldades permite compreender como elas são e onde pode ser feito as intervenções pedagógicas, com o intuito de minimizar as lacunas. Assim, o diagnóstico dos problemas não deve conduzir ao conformismo, mas a uma postura analítica capaz de orientar ações plausíveis e contextualizadas.

Nesse sentido, mesmo diante de cenários adversos, não se está totalmente com as mãos amarradas, pois há margens de autonomia e de criatividade que podem ser acionadas no cotidiano escolar. O trabalho docente, quando sustentado por planejamento, intencionalidade pedagógica e sensibilidade às realidades dos estudantes, pode construir caminhos de aprendizagem significativos, ainda que com recursos limitados.

Ademais, estratégias de colaboração entre professores, fortalecimento do vínculo escola-família, uso inteligente de materiais disponíveis e projetos interdisciplinares podem ampliar o impacto educativo sem depender exclusivamente de grandes investimentos. Em síntese, as dificuldades estruturais são reais e exigem políticas públicas, mas a força da escola também reside na capacidade de transformar o possível em prática educativa concreta, gerando movimentos de resistência, cuidado e esperança pedagógica.

O professor, contudo, é uma figura central, pois através das suas intervenções e práticas pedagógicas bem definidas poderá motivar seus alunos, mas para que isso aconteça, ele próprio deve estar motivado, deve ter entusiasmo, ou seja, ser apaixonado por aquilo que faz, só assim desenvolverá no aluno a paixão pelo aprender.

Alguns professores acreditam que é suficiente para motivar os alunos criar um ambiente propício, um clima emocional positivo na aula, sendo uma pessoa agradável e atenciosa. Certamente tudo isso é importante, mas não é tudo. Deve-se ter claro que os alunos precisam ser motivados para tarefas desafiadoras, significativas, muitas vezes não prazerosas, mas pertinentes.

A motivação dos professores depende também do nível da crença de auto-eficiência, isto significa que o professor deve acreditar nele mesmo, acreditando que ele pode exercer ações que poderão produzir certos resultados para que ele possa despertar no aluno o prazer pelo aprender. Segundo Cury (2001) na Espanha, grande parte dos professores estão ficando doentes, estressados, tensos e na Inglaterra há uma enorme dificuldade em formar professores de ensino fundamental e médio, visto que a demanda por uma profissão que paga pouco, é desgastante e diminuiu consideravelmente.

Em se tratando de relações interpessoais entre professores e alunos na sala de aula, no que diz respeito a conflitos e outras situações similares acredita-se que estes estão sendo prejudiciais a qualidade de vida dos professores, tornando-os muitas vezes desmotivados e sem ânimo. Nesse sentido, é importante repensar a grandeza da tarefa de um educador e da responsabilidade que lhe é incumbida, pois além de motivar-se a si próprio, precisa motivar também seus alunos. Compartilhando desse pensamento, Cury (2001, p. 62) afirma que:

Os professores são poetas da vida. Eles precisam resgatar a autoestima. A esperança do mundo está sobre os ombros da

educação. Entretanto, a mais nobre das profissões tem se tornado uma usina de *stress*. Por isso, a educação moderna tem de levar em alta conta o treinamento da emoção.

Várias exigências são feitas para que o professor aprimore a sua prática, para que consiga transmitir o conhecimento com mais emoção, com mais motivação e eficiência. Dessa forma, os alunos devem ser estimulados para contribuir e interagir no processo, deixando de ser meros espectadores, e participando ativamente da construção de sua aprendizagem, tornando-se construtores da sua própria aprendizagem.

No entender de Cury (2001), ao aluno cabe a tarefa de inteirar-se e participar dos acontecimentos da vida da escola, pois só assim se interessará por ela. Nessa ótica, o professor deve usar sua criatividade para despertar no aluno o interesse e a vontade de se comprometer com a escola e consigo mesmo porque um bom aluno não é aquele que tira excelentes notas, mas é aquele que aprende a pensar, que respeita seus pais e professores, que é solidário, que emite a sua opinião e principalmente que é as informações recebidas transformando-as capaz de refletir sobre conhecimento para a vida. Assim, Cury (2001, p. 65),

Um bom mestre ensina a seus alunos o conhecimento; um excelente mestre treina a emoção deles para perguntar, duvidar e ter consciência crítica. Na vida e na ciência o tamanho da pergunta determina a dimensão da resposta. Um bom mestre prepara os alunos para passar em concursos, um excelente mestre os prepara para ser pensadores na sinuosa escola da vida.

Transmitir o conhecimento com emoção e prazer são maneiras que facilitam a assimilação dos conteúdos e também são registradas de forma privilegiada na memória. Portanto, faz-se necessário que o professor tenha bem definido no seu planejamento estratégias e dinâmicas diferentes para apresentar o conteúdo para os alunos, pois os professores encontram muitas dificuldades na escola, porque os

alunos demonstram mais interesse pelo que encontram fora dela, do que na própria. Cabe ao educador tentar reverter esta realidade, analisando e avaliando a sua prática constantemente, com o objetivo de transformar os conhecimentos adquiridos em aprendizagem.

O prazer pelo aprender não é uma atividade que nasce espontaneamente nos alunos, ele deve ser desenvolvido de forma gradativa com o auxílio de professores competentes que estejam dispostos a refletir sobre sua metodologia, sua postura em sala de aula, a replanejar sua prática educativa, a fim de estimular a aprendizagem de modo que cada um deles seja um ser crítico, autêntico, consciente, participativo e responsável pela transformação de sua realidade.

Para que este hábito possa ser mais bem cultivado, é necessário que o professor consiga despertar a curiosidade dos alunos e acompanhar suas ações na solução das tarefas organizadas por ele, caso contrário os alunos poderão se sentir inseguros na realização da atividade proposta, por julgarem-se despreparados para desempenhar tal tarefa; e, o fornecer as respostas prontas, não permitindo que o aluno problematize e descubra a resposta correta, acomoda-o e prejudica sua autonomia.



### 3 ATIVIDADES LÚDICAS: UMA FORMA DE DESPERTAR A MOTIVAÇÃO

Aprende-se muitas habilidades: ler, escrever, falar, ouvir, relacionar e entender. A assimilação do conhecimento acompanha o sujeito por toda a vida, refletindo na sua maneira de ser e agir. Se o desenvolvimento dessas habilidades for realmente significativo, pode se esquecer o conhecimento, porém não se esquece a forma e como estes conhecimentos foram adquiridos. A aprendizagem que permanece é aquela que motiva, que envolve, que tem significação para a vida do sujeito e que amplia os conhecimentos.

O ato de educar deve ser uma tarefa que envolva os educandos, por isso deve ser um trabalho realizado corpo a corpo, na qual o professor e o aluno estejam próximos, pois só assim a aprendizagem terá significado na vida do aluno. Desse modo, o educador tem uma tarefa que transcende a transmissão do conhecimento, a ele compete a tarefa de possibilitar, facilitar, mediar situações, e a primordial: formar educandos com opiniões, sentimentos, autonomia e capacidade de transformação

Nesta ótica, a educação não pode ser vista como um depósito de informações, pois sabe-se que há várias maneiras de transmitir conhecimentos e isso qualquer máquina é capaz de fazer. Entretanto, as máquinas não são capazes de motivar, de abraçar, de olhar, de sorrir, de sentirem-se realizados com a conquista e o progresso dos alunos, isso ainda é um privilégio somente dos humanos. Reforçando essa opinião, Chalita (2001, p. 164) entende que:

Há quem afirme que o computador irá substituir o professor, que nesta era, em que a informação chega de muitas maneiras, o professor perdeu sua importância. O computador nunca substituirá o professor. Por mais envolvida que seja a máquina, por mais que a

robótica profetize evoluções fantásticas, há um dado que não pode ser desconsiderado. A máquina reflete e não é capaz de dar afeto, de passar emoção, de vibrar com a conquista de cada aluno.

Infelizmente, o idioma estrangeiro, ainda em algumas instituições, não é apresentado de forma interessante, ele é apresentado de maneira segmentada e o aluno não tem meios de encaixar estes fragmentos em seu dia-a-dia, dificultando assim a compreensão dos conceitos.

No entanto, espera-se que os professores não mantenham a linha tradicional de ensino, mas que busquem novas e próprias maneiras de ensinar, pois sabe-se que cada professor tem seu estilo próprio de dar aula, mas todos os apaixonados usam como recurso à criatividade e a busca de transformação no seu ensinar.

Acredita-se que a mudança deve ser a palavra-chave nesta nova abordagem: livro, televisão, música, jornal, computador e outros meios se integram em uma estratégia que favorece a interdisciplinaridade, a inovação, a criatividade e que valoriza o professor como personagem essencial da Educação. Portanto, é preciso envolver o aluno em novas atividades para que ele se sinta motivado com o processo de ensino-aprendizagem. Assim, por meio de uma aula autêntica, o aluno passa a ser estimulado, tendo um novo ânimo para o aprendizado.

Como forma de despertar a atenção dos alunos, Chagury (2005) afirma que “o professor deve apresentar a matéria de forma interessante e significativa para cada faixa etária, podendo utilizar-se de jogos, músicas, vídeos, entre outros, que ajudarão na fixação da matéria”.

O autor descreve por meio de suas experiências nessa área, que as crianças se sentem motivadas por meio de aulas divertidas e atrativas, o que possibilita uma maior capacidade de concentração e fixação do conteúdo. De acordo com (Nunes apud Chagury, 2005),

por meio de atividades lúdicas, a criança encontra sentido e propósito no que aprende, pois o conhecimento deixa de ser apenas uma exigência escolar e passa a se conectar com experiências significativas e motivadoras.

Nesse contexto, o professor assume papel central na qualificação do processo de ensino-aprendizagem, uma vez que cabe a ele planejar e implementar estratégias pedagógicas mais criativas e adequadas às necessidades da turma. Assim, ao investir em novas práticas didáticas que valorizem a participação ativa dos estudantes, o docente amplia as possibilidades de compreensão, fortalece o interesse pelas aulas e favorece um aprendizado mais consistente e duradouro.

Segundo o autor, as atividades lúdicas contribuem para facilitar tanto o progresso de sua personalidade como um todo, quanto o progresso das funções psicológicas, intelectuais e morais. O uso da ludicidade tem incontestável importância, pois além de motivar os alunos a quererem aprender, também facilita a interação entre o estudante e o aprendizado da Língua Inglesa, tornando os conteúdos mais fáceis, na visão dos educandos, os quais se motivam a participar da aula. Neste viés, o professor deve ser um gerador de situações estimuladoras e eficazes e além disso, é preciso ter prazer naquilo que se faz e estar emocionalmente envolvido.

É nesse contexto que a motivação ganha espaço como a ferramenta ideal da aprendizagem, na medida em que os professores propõem o estímulo aos interesses dos alunos com estratégias e metodologias adequadas. Assim, as atividades motivacionais, em especial o lúdico, no ensino de uma língua estrangeira, vem promover o interesse, a participação, a imaginação, bem como as transformações do sujeito em relação ao seu objeto de aprendizagem.

As atividades lúdicas são importantes em todas as disciplinas, em especial na língua estrangeira porque facilitam o aprendizado

da mesma e, por serem atividades agradáveis motivam os alunos a quererem aprender. Desse modo é relevante ressaltar que o lúdico estabelece uma maior interação entre o estudante e o aprendizado, despertando o desejo pelo saber. Assim, cabe ao educador inserir na sua metodologia atividades lúdicas, pois segundo Teixeira (1995) existem vários motivos que levam os educadores a recorrer e utilizar as atividades lúdicas como recurso no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Teixeira apud Nunes (1995), as atividades lúdicas exercem uma influência significativa sobre a criança, favorecendo tanto o desenvolvimento pleno de sua personalidade quanto o aprimoramento de suas funções psicológicas, intelectuais e morais.

Assim, torna-se necessário e urgente abrir um espaço para que a aprendizagem aconteça através da ludicidade, para que o aluno tenha mais oportunidade de desenvolver os aspectos sócios-afetivos, permitindo a troca de experiências, a construção da autonomia, a elevação da autoestima e do autoconhecimento.

Segundo Freire (1989, p.39),” [...]ensinar e aprender aos movidos pelo desejo e pela paixão”. Acredita-se ser o lúdico a mediação que desencadeará o desejo, a expectativa e a vontade para a construção do conhecimento. A escola deve ser o local onde estas atividades lúdicas estão presentes. As atividades lúdicas correspondem a um impulso natural da criança e neste sentido satisfazem uma necessidade interior, pois o ser humano apresenta uma tendência lúdica.

Além de corresponderem a um impulso natural na criança o ato de brincar, contribuem para tornar mais fácil o processo. Assim, as atividades lúdicas ajudam a despertar nela o gosto pelo novo, aguçando a curiosidade e a busca pelo conhecimento. Dessa forma, está evidente a importância da ludicidade no desenvolvimento do

ensino de uma segunda língua, pois, segundo Teixeira apud Nunes (1995, p. 23):

O lúdico apresenta dois elementos que o caracterizam: o prazer e o esforço espontâneo. Ele é considerado prazeroso, devido a sua capacidade de absorver o indivíduo de forma intensa e total, criando um clima entusiasmo. É este aspecto de envolvimento emocional que o torna uma atividade com forte teor motivacional, capaz de gerar um estado de vibração e euforia. Em virtude desta atmosfera de prazer dentro da qual se desenrola, a ludicidade é portadora de um interesse intrínseco, canalizando as energias no sentido de um esforço total para consecução de seu objetivo. Portanto, as atividades lúdicas são excitantes, mas também requerem um esforço voluntário.

As situações lúdicas são capazes de estimular o pensamento, pois elas mobilizam esquemas mentais. As atividades lúdicas envolvem vários aspectos da personalidade: afetivo, motor e cognitivo. Portanto, as atividades lúdicas são como um elemento integrador *dos* vários aspectos da personalidade. O aluno que brinca e joga também é o aluno que age, pensa, sente e aprende.

A importância da utilização das atividades lúdicas no processo de ensino- aprendizagem vem sendo discutida desde o passado por grandes educadores. Eles já percebiam que brincando e jogando, a criança consegue aplicar seus esquemas mentais, elas reproduzem as situações de suas vivências, transformando muitas vezes o real em alguma coisa de seu interesse.

Desse modo, é possível afirmar que através de atividades lúdicas, o professor motiva os alunos a se expressarem com naturalidade, sem se sentirem envergonhados, além de lhes proporcionar uma aprendizagem consistente, na qual o conhecimento é construído com a participação ativa dos sujeitos.

No entender de Santos (2001, p.53): “A educação pela via da ludicidade propõe a uma nova postura existencial, cujo paradigma é

um novo sistema de aprender brincando inspirado numa concepção de educação para além da instrução”. Ademais, o educador precisa ter seus objetivos bem definidos, quando propõe um jogo ou uma técnica, saber o que deseja alcançar com tal atividade, entretanto não deve ser aplicado um jogo, sem ter em vista um benefício educativo, pois nem todo jogo pode ser visto como material pedagógico.

O elemento que separa um jogo pedagógico de outro apenas lúdico é que o professor propõe o jogo pedagógico com a intenção de provocar aprendizagem significativa, estimular a construção do conhecimento e despertar o desenvolvimento de uma habilidade operatória, ou seja, o desenvolvimento de uma habilidade que possibilita a compreensão e a intervenção do sujeito nos fenômenos sociais e culturais.

O professor enquanto mediador deve saber que a utilização do jogo somente terá validade se usado na hora apropriada, se contemplar o interesse do aluno e ter um objetivo a ser alcançado. Ao professor também compete ter cuidado para que o aluno esteja preparado e tenha maturidade suficiente para superar o desafio proposto. Assim, o jogo não deve ser proposto quando o aluno demonstrar cansaço ou falta de interesse e desmotivação por tal atividade.

As práticas lúdicas favorecem simultaneamente o desenvolvimento da oralidade e da escrita, criando um ambiente leve, prazeroso e propício ao envolvimento dos estudantes. Segundo Vygotsky (1994, p. 103), aprendizagem e desenvolvimento são processos intimamente associados, nos quais a criança interage com o meio social e material, apropriando-se do conhecimento por meio de construções progressivas.

O lúdico é uma importante estratégia para ser usada como estímulo na construção de conhecimento e no desenvolvimento das diferentes habilidades operatórias, facilitando o progresso pessoal do

aluno e promovendo o alcance aos objetivos. Assim, cabe ao professor buscar novas e variadas metodologias para tornar as aulas dinâmicas, prazerosas para que os alunos se interessem, prestem a atenção pela aula e, conseqüentemente, aprendam o conteúdo. Nesse prisma, a utilização das atividades lúdicas é fundamental para a descontração da turma, a qual se sentirá mais motivada em poder aliar uma brincadeira com sua aprendizagem.

Verifica-se, portanto, que o lúdico no processo de ensino-aprendizagem tem papel fundamental, na medida que proporciona ao aluno a tomada de consciência de si, da realidade, e a esforçar-se na busca de conhecimentos sem perder a motivação pelo aprender. Nesta ótica, é preciso que o educador inclua esse elemento tão necessário à formação e aprendizagem do aluno na sua metodologia, pois desta forma contribuirá para a motivação dos educandos, além de outras habilidades como a interagir com outras pessoas, respeitar as regras. Desse modo, Vygotsky, 1994, p. 82-83), exemplifica:

A criança que sempre participou de jogos e brincadeiras grupais saberá trabalhar em grupo; por ter aprendido a aceitar as regras do jogo, saberá também respeitar as normas grupais e sociais. É brincando bastante que a criança vai aprendendo a ser um adulto consciente, capaz de participar engajar-se na vida de sua comunidade

Diante do exposto, entende-se que os recursos lúdicos exercem um papel relevante no processo de ensino-aprendizagem, pois ampliam as possibilidades de construção do conhecimento de maneira mais envolvente e significativa. Nesse sentido, o lúdico pode ser compreendido como um amplo laboratório pedagógico, no qual o educando experimenta, interage, cria hipóteses e explora diferentes caminhos para aprender.

Ao integrar jogos, brincadeiras, desafios e atividades criativas, o professor favorece o desenvolvimento cognitivo, social e emocional, tornando a aprendizagem mais dinâmica e próxima da realidade do

aluno. Assim, o ato de aprender deixa de ser apenas uma atividade mecânica e passa a envolver curiosidade, prazer e participação ativa, elementos que contribuem para a formação integral e para o fortalecimento da autonomia do estudante. Professor e aluno são e sempre serão aliados nesta caminhada, onde a afetividade, a confiança na capacidade de cada um e o diálogo deverão estar presentes em todos os momentos, especialmente em se tratando de aprendizagem.

Por fim, é relevante afirmar que a motivação na relação ensino-aprendizagem constitui um fator essencial para a construção do conhecimento. Nesse processo, o professor deve reconhecer o aluno como foco central de sua prática pedagógica e, de modo afetivo e criativo, criar oportunidades para que o educando se sinta estimulado a participar plenamente das atividades.

Assim, o estudante assume um papel ativo na própria aprendizagem, construindo saberes de forma significativa. Além disso, essa dinâmica contribui para o desenvolvimento social do discente, favorecendo a convivência harmoniosa e equilibrada em sociedade, como sujeito que participa, interage e transforma informações em aprendizagens relevantes para sua vida.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em consideração que a Língua Inglesa no atual contexto mundial representa uma conexão entre o indivíduo e a sociedade globalizada, entende-se ser de fundamental importância o estudo da mesma, já que ela está presente no nosso cotidiano através dos meios de comunicação, em letras de músicas, em produtos que consumimos e assim por diante. Porém, nem sempre essas informações podem ser assimiladas pelos alunos porque lhes falta conhecimento e muitas vezes motivação para a aprendizagem do idioma.

É neste sentido que o professor de Língua Inglesa se sente desafiado a utilizar diferentes metodologias, que estimulem e despertem no aluno o gosto, o interesse pela aprendizagem de um novo idioma.

A estrutura de ensino precisa ser constantemente renovada, contando com profissionais atualizados, que usem novas estratégias didáticas capazes de atrair o aluno e induzi-lo a buscar um crescimento intelectual. Os docentes, em sua maioria, precisam repensar sua forma de ensino, pois muitas vezes não proporcionam ao aluno a assimilação dos conteúdos de forma satisfatória. Ainda, devem manter-se constantemente atualizados, promovendo debates que contemplem as curiosidades e os interesses dos alunos, fazendo com que estes estejam em permanente contato com o idioma a ser ensinado.

Tal constatação reforça a pertinência deste trabalho, que buscou discutir a importância da motivação no ensino de Língua Inglesa, refletindo sobre estratégias pedagógicas capazes de tornar

as aulas mais significativas e contextualizadas, com ênfase nas possibilidades metodológicas de maior engajamento discente.

É relevante ressaltar a importância da utilização das atividades lúdicas como recursos para promover a motivação, uma vez que elas desenvolvem as potencialidades individuais dos alunos e ao mesmo tempo favorecem as relações interpessoais na sala de aula, desenvolvendo o sentimento de segurança dos alunos, além de oportunizar ao aluno perceber que, através do seu trabalho e esforço, ele pode transformar e intervir no meio onde vive e que a escola é um dos caminhos para que isso aconteça.

Faz parte das atribuições dos professores estimular seus alunos, considerando todos os tipos de aprendizagem e as diferenças cognitivas, tornando o ensino mais dinâmico, a fim de motivar os alunos, resultando num notável progresso no aprendizado da Língua Inglesa e na promoção da autonomia criativa.

Uma das possibilidades que se apresentam para tornar o ensino mais interessante e conseqüentemente mais motivador é a utilização do lúdico, considerando a estreita ligação que a criança apresenta com o ato de brincar. As atividades lúdicas têm por objetivo estimular no aluno a capacidade de desenvolver competências comunicativas e habilidade linguística, enquanto estimulam a construção do próprio conhecimento.

Por fim, a utilização do lúdico, neste contexto, auxilia o professor a perceber as informações implícitas trazidas pelos alunos, sua bagagem de vida, ajudando-os a superar dificuldade de maneira a solidificar seu conhecimento, tornando-se sujeitos de sua própria aprendizagem.

Dessa forma, conclui-se que investir em estratégias contextualizadas, dinâmicas e lúdicas amplia as possibilidades de aprendizagem significativa e reforça o papel do Inglês como língua

de circulação acadêmica, cultural e científica. Além disso, este estudo contribui ao destacar que a motivação não é um aspecto acessório do ensino, mas um elemento estruturante que precisa ser considerado no planejamento, nas metodologias e na postura do professor diante da diversidade de ritmos e formas de aprender.

Ressalta-se os limites deste trabalho, especialmente por tratar-se de uma pesquisa bibliográfica, o que não permitiu observar diretamente os efeitos das práticas motivacionais em contextos escolares específicos. Nesse sentido, sugere-se a realização de estudos futuros que investiguem a aplicação de estratégias lúdicas e contextualizadas em diferentes séries e realidades institucionais, avaliando seus impactos na participação, no desempenho e na relação afetiva dos alunos com a Língua Inglesa.

Por fim, reafirma-se que a motivação constitui um eixo importante na relação ensino-aprendizagem e que o professor, ao adotar práticas pedagógicas mais sensíveis, criativas e contextualizadas, pode transformar a experiência escolar do aluno com o idioma. Assim, o ensino de Língua Inglesa tende a tornar-se eficiente, mais significativo e socialmente relevante, formando alunos que possam ser capazes de compreender o mundo, interagir com ele e ampliar suas possibilidades de inserção cultural e acadêmica.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fo, José Carlos P. de. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas/SP: Pontes, 2002.

BORUCHOVITCH, Evelyn; BZUNECK, José Aloyseo (orgs.). **A motivação no aluno**: Contribuições da Psicologia Contemporânea. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

CHALITA, Gabriel. **Educação**: a solução está no afeto. São Paulo: Gente, 2001.

CHAGURI, Jonathas de Paula. **A importância do ensino da língua inglesa nas séries iniciais do ensino fundamental**. Disponível on line [www.linguaestrangeira.pro.br/artigos\\_papers/artigos\\_jonathas.doc](http://www.linguaestrangeira.pro.br/artigos_papers/artigos_jonathas.doc). Acesso em 06.08.2005.

CURY, Augusto Jorge. **Treinando a emoção para ser feliz**. São Paulo: Academia de Inteligência, 2001.

DEMO, Pedro. **Ser professor é cuidar que o aluno aprenda**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1993.

ELICKER, Ana. **A interação discursiva nas aulas de línguas**: reflexões teóricas metodológicas. Disponível on line in: [www.feevale.br/jornal\\_ichla/htm.artigo6.doc](http://www.feevale.br/jornal_ichla/htm.artigo6.doc). Acesso em 28.10.2005.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 19.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários á prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAGNÉ, M. Robert. **Como se realiza a aprendizagem**. Rio de Janeiro,

Ao livro Técnico e Científico, 1983.

HOLDEN, Susan & ROGERS, Mickey. **O ensino da língua inglesa**. São Paulo: SBS, 2001.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MICHELON, Dorildes. **A motivação para a aprendizagem de Língua Inglesa**: um estudo sobre o aprendiz do ensino médio. In: Anais do I Congresso Internacional das Linguagens. Linguagens & linguagens. Erechim/RS: URI, 2002.

NÓVOA, Antonio. In: NÓVOA, Antonio (Org.). **Vida de professores**. 2 ed. Porto - Portugal: Porto Editora, 1995.

NUNES, Ana Raphaela S. C. de A. **O lúdico na aquisição da segunda língua**. Disponível online: [www.linguaestrangeira.pro.br/artigos\\_papers/ludico\\_linguas.htm](http://www.linguaestrangeira.pro.br/artigos_papers/ludico_linguas.htm). Acesso em 14.10.2005.

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. **Nova Didática**. 4 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. 20. ed. Rio de Janeiro: Forense.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

SANTOS, Santa Marli Pires. **A ludicidade como ciência**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SCHÜTZ, Ricardo. **A idade e o aprendizado de línguas**. Disponível online in: [www.english.sk.com.br/sk-apre2.html](http://www.english.sk.com.br/sk-apre2.html). Acesso em 16.10.2005.

SCHÜTZ, Ricardo. **Como escolher um programa de inglês**. Disponível online: [www.english.sk.com.br/sk-como.html#instri](http://www.english.sk.com.br/sk-como.html#instri). Acesso em 16.10.2005.

SCHÜTZ, Ricardo. **Motivação e desmotivação no aprendizado de línguas**. Disponível online in: [www.english.sk.com.br/sk-apre2.html](http://www.english.sk.com.br/sk-apre2.html).

Acesso em 16.10.2005.

SCHOLES, Jack. **Coisas que todos os alunos deveriam saber.**

Disponível on line in: [www.cellep.com/cellepteam/edição\\_7/interview/index.html](http://www.cellep.com/cellepteam/edição_7/interview/index.html). Acesso em 24.10.2005.

TEIXEIRA, Carlos E. J. **A ludicidade na escola.** São Paulo: Loyola, 1995.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.





## **SOBRE AS AUTORAS**

**Greice Lopes Cezar:** Discente do Programa em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social (UNICRUZ). Pós-graduada em Mídias na Educação (UFSM). Orientação Educacional e Psicopedagogia Institucional (Faculdade São Luís). Licenciada em Pedagogia (UFPel). Condor-RS/ Brasil E-mail: greicelopes15@gmail.com

**Mara Andrea Kai Bellini:** Discente do Programa de Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social (UNICRUZ). Licenciada em Letras (UNICRUZ). Fortaleza dos Valos-RS/Brasil E-mail: marabellini2024@hotmail.com

A obra resulta de uma investigação dedicada a compreender os desafios e as possibilidades do processo de ensino-aprendizagem da Língua Inglesa no contexto escolar contemporâneo. Em um cenário marcado pela globalização e pela ampliação constante dos fluxos de informação, o domínio da língua inglesa assume papel fundamental para a participação ativa na sociedade. Entretanto, dificuldades de aprendizagem, desmotivação e resistência por parte dos estudantes ainda se configuram como obstáculos recorrentes, exigindo a revisão de práticas pedagógicas, metodologias e estratégias de ensino. De autoria de Mara Andrea Kai Bellini, com colaboração de Greice Lopes Cezar na revisão e organização desta versão digital, o e-book discute a estreita relação entre motivação e aprendizagem, destacando o papel do professor como agente mediador e motivador do processo educativo. A obra evidencia, ainda, o potencial das atividades lúdicas como estratégias capazes de despertar o interesse, fortalecer a autonomia discente e promover uma aprendizagem mais significativa. Ancorado em referenciais teóricos como Gagné, Michelon, Oliveira, Boruchovitch, Bzuneck, Demo e Freire, o livro convida à reflexão crítica sobre a prática docente e à construção de propostas pedagógicas mais criativas, inclusivas e humanizadoras. Trata-se de uma leitura destinada a professores, estudantes e pesquisadores comprometidos com uma educação que motive, valorize as subjetividades e contribua para o desenvolvimento integral do aprendiz.

ISBN 978-656135216-1



EDITORA

ILUSTRAÇÃO